

Na obra de Hannah Arendt, (poderosa pensadora americana, cuja "Condição Humana" representa um dos livros mais importantes da atualidade), ocorre a consideração seguinte: A vida humana pode dar-se em três níveis, o "económico", o "político" e o da "teoria". Esta triplíce dimensão é consequência do ser do homem. É um ser ambivalente, participando do reino da natureza e também, em certo sentido, do reino dos valores. Aliás, é isto que os antigos pretendiam ao definir como "mortal" a humanidade. O homem é mortal, (ao contrário e em contradição a pedras, plantas, animais e nuvens), porque abandona a natureza na morte. E o homem é mortal, (ao contrário e em contradição a deuses, ninfas e musas), porque abandona o reino dos valores no momento do nascimento. Dada esta sua ambivalência, (mortalidade), pode o homem tomar três rumos no curso da vida: e da economia, e da política, e o da teoria.

A vida económica, (de "oiké"- "família"), é a integração do homem na natureza e o abandono da sua dimensão valorativa. A família passa a ser, para o homem, o que a espécie é para o animal e a planta: a sede da imortalidade. O homem passa a viver em função da família, portanto vive em particular e privado. Os gregos chamavam este tipo de homem "idiotes". A estrutura da vida económica é o círculo repetitivo. É a eterna repetição do mesmo labor, interrompida apenas pelo cansaço. Uma ilustração dessa estrutura é a dona de casa que arruma eternamente uma casa eternamente desarrumada. A circularidade caracteriza todo processo natural, (estações do ano, dia e noite, fome e alimentação, desejo e satisfação do desejo). A circularidade é uma prova de ausência de meta. A natureza, (portanto a vida económica), não tem meta, é absurda. É absurda, porque isenta de valores. O homem que escolheu a vida económica, (ou que foi empurrado para ela), vive naturalmente, isto é; absurdamente.

A vida política, (de "polis"- "comuna"), é uma vida na qual o homem aplica valores na natureza. Nela o homem lança um valor, (uma ideia, um modelo), sobre a natureza para realizá-lo. Um exemplo de uma vida política é a de um sapateiro antes da Revolução industrial. O sapateiro realiza um valor, (o modelo "sapato"), na natureza, (no couro). O sapateiro trabalha, e o resultado do trabalho é uma obra. O lugar do sapateiro não é a família, mas a feira. É na feira que o sapateiro troca sapatos por outras obras. Nessa troca verifica o valor dos sapatos que produziu. Verifica, na troca, que a sua vida foi uma aplicação de valores sobre a natureza. Essa verificação é em comum, pública e comunicável. A comunicabilidade e publicidade do trabalho caracteriza o sapateiro. O sapateiro é cidadão da "res publica", e não, (como é a dona de casa), da "res privata". A estrutura da vida política, (da vida na feira), é a flexa. O trabalho começa pelo modelo, e finda com a obra realizada. A vida política tem metas: realização de valores. Por isto é uma vida que alterna entre atividade e lazer, empenho e recolhimento. O lazer na política é pois estruturalmente diferente do descanso na economia. Em resumo: o homem económico é uma espécie de animal, o homem político é artesão e artista.

VILÉM FLUSSER

A vida na teoria, (de "theorein"- "contemplar"), é a integração do homem no reino das ideias e o abandono da natureza. O homem decide, neste caso, que aplicar valores na natureza é trair valores. A aplicação, (a "praxis"), é uma degradação da teoria, porque desvirtua o caráter de valor, que é a sua perfeição e imutabilidade. As obras da vida política são valores imitados, portanto imperfeitos. (Os sapatos realizados são imitações imperfeitas de modelo "sapato"). Per isto, a vida política abandona os valores justamente por querer aplicá-les. Resulta em valores imperfeitos, ideias confusas, opiniões, (em grego "doxa"). Essas opiniões podem ser adequadas a certas metas, ("ortodoxas"), ou inadequadas, ("paradoxas"). Mas a vida política é sempre regida por meras opiniões, isto é ideias confusas. Ideias claras se dão apenas na pura contemplação, isto é na volta do homem para o reino das ideias mesmas. Nessa volta o homem alcança, não meras opiniões, mas sabedoria, (em grego "sophia"). O homem que se decide pela vida na teoria tem amizade pela sabedoria, (em grego "philosophia"). E este é o único homem digno. Esta é a razão porque Platão quer proibir, na sua República, a entrada aos artistas, estes políticos traidores dos valores.

É claro que esta distinção dos níveis humanos é platônica ao extremo. A vida contemplativa, o ócio, (em grego "scholê"), é tida como dignidade humana. O ideal não é apenas o filósofo, mas também o monge com seu ócio, (isto é: sua escolástica na escola). A Idade Média é pois a mais perfeita realização desta visão de homem. O Renascimento seria a mais perfeita realização da vida política na história do ocidente. O ideal do Renascimento é o homem político, isto é: o artista. Se, durante a Idade Média, a economia e política funcionam para sustentar a teoria, no Renascimento funcionam a economia e a teoria para sustentar a arte. E a Revolução industrial representa a vitória da economia. Doravante o ideal é o homem laborioso, (o operário), com sua vida circular em redor da máquina e do aparelho. E a política e a teoria funcionam, doravante, apenas para sustentar a economia. É a isto que poderíamos chamar, se quizessemos aceitar o enfoque platônico, de "idiotização da humanidade", a saber: crescente incomunicabilidade.

Não quero insistir excessivamente sobre a validade das considerações apresentadas. Mesmo se discordarmos, devemos admitir que são muito provocantes. Meu propósito neste artigo é este: Colocar o problema da politização no contexto exposto.

Fala-se muito em politização na atualidade brasileira. procurei mostrar que esta politização tem duas facetas. Uma é quando se politiza a vida de um homem econômico, fazendo com que ele abandone a família em busca da feira. Outra é quando se politiza a vida de um homem teórico, fazendo com que ele abandone a contemplação pela atividade na feira. É óbvio que podemos nutrir várias opiniões, (ortodoxas e paradoxas), quante a este problema. Mas é sempre bem colocá-lo em termos nítidos, não ofuscados pelas chavões das brigas na feira. E era isto que pretendi fazer neste artigo.